

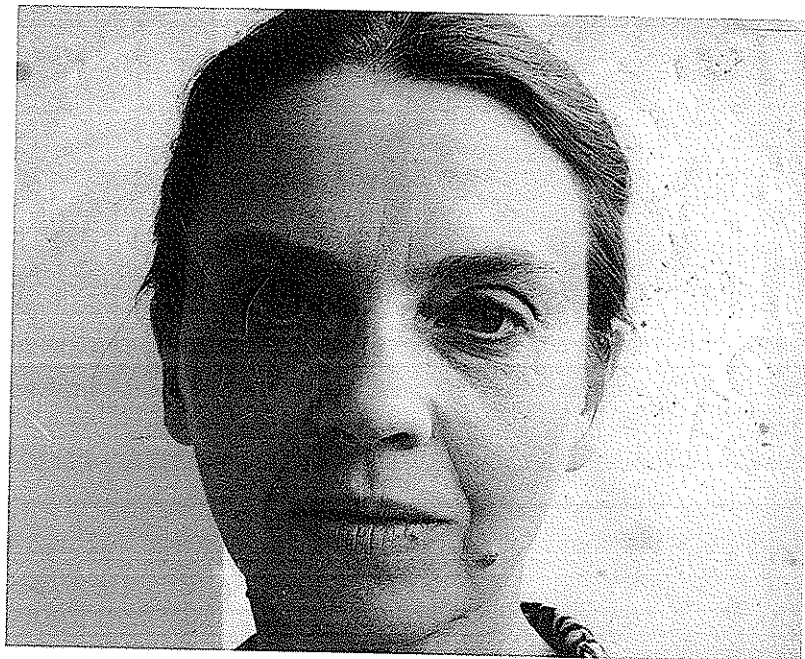
colecção dirigida por
Carlos Mendes de Sousa

O CRISTO CIGANO

Sophia de Mello Breyner Andresen

O CRISTO CIGANO

prefácio de
Rosa Maria Martelo



Sophia de Mello Breyner Andresen fotografada por João Cutileiro

ASSÍRIO & ALVIM

O Cristo Cigano
Sophia de Mello Breyner Andresen

Publicado em Portugal por
Assírio & Alvim
www.assirio.pt

© Herdeiros de Sophia de Mello Breyner Andresen
© Rosa Maria Martelo (para o Prefácio)
© Porto Editora, 2014

Na capa: xilogravura de Ilda David', 2013
Na página 4: fotografia de João Cutileiro (a quem agradecemos a amável cedência desta imagem)

A 1.ª edição de *O Cristo Cigano* foi publicada em 1961 em Lisboa, Minotauro
A presente, 5.ª edição, é a primeira pela Assírio & Alvim

1.ª edição: Março de 2014

Assírio & Alvim é uma chancela da
Porto Editora, Lda.

Reservados todos os direitos. Esta publicação não pode ser reproduzida, nem transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo electrónico, mecânico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização escrita da Editora.

Distribuição Porto Editora, Lda.

Rua da Restauração, 365
4099-023 Porto | Portugal

www.portoeditora.pt

Execução gráfica Bloco Gráfico, Lda.
Unidade Industrial da Maia.

DEP: LEGAL 371696/14
ISBN 978-972-57-1748-8



A cópia ilegal viola os direitos dos autores.
Os prejudicados somos todos nós.

Nota à quinta edição de O Cristo Cigano 9

Prefácio, Rosa Maria Martelo 13

O CRISTO CIGANO 23

NOTA À QUINTA EDIÇÃO DE
O CRISTO CIGANO

Durante um certo período de tempo *O Cristo Cigano* esteve arredado da obra da Autora, por sua vontade: o livro não consta de *Obra Completa* que, a partir de 1990, e de acordo com a minha mãe, a Caminho editou em três volumes; também deixou de haver edições autónomas¹.

Só tomei consciência clara deste facto quando em 1999 a minha mãe pediu que me encarregasse do futuro das edições da sua obra literária. Naturalmente que a interpelei sobre a rejeição deste magnífico livro. Disse-me: «Retirei-o porque, com o tempo, comecei a achá-lo fraco.» Este juízo tinha a ver com a fortíssima influência que nele sentia da poesia de João Cabral de Melo Neto. «Comecei a senti-lo como um objecto estranho na minha poesia.» No entanto, acabou por ser sensível aos argumentos *a contrario* que lhe fui apresentando, e foi possível tomar a decisão de o reintegrar.

Infelizmente, em Setembro de 2000 a minha mãe teve os dois acidentes cerebrais que, com altos e baixos, a foram progressivamente alheando. Embora tivesse deixado de ter concentração para ler, continuou a escrever poemas, com uma letra quase ilegível — curtos e belíssimos poemas, uma

¹ *O Cristo Cigano ou A Lenda do Cristo Cachorro*, 1.ª ed., 1961, Lisboa, Minotauro, ilustrações de Júlio Pomar; 2.ª ed., 1976, Lisboa, Livraria Moraes, ilustração de José Escada.

espécie de preces ou lamentos, de sintaxe irregular —, a conhecer a família próxima e alguns amigos mais chegados, a dizer poemas de cor, mas desinteressou-se absolutamente de tomar decisões, nomeadamente sobre a sua obra. Vale a pena então acrescentar um breve esclarecimento.

Ao longo de 2001, com a ajuda de Gastão Cruz, fiz um levantamento dos poemas que haviam sido retirados dos seus diversos livros. Foi ainda possível, lendo-lhos, perguntar-lhe quais queria manter de fora. Relativamente a alguns muito poucos, manteve uma recusa inabalável. Ainda sabia muitos poemas de cor e, por vezes, lembrava as circunstâncias em que os tinha escrito. Mas agora um outro problema se colocava. Eu precisava de alguém com experiência em edição de texto. A minha mãe, até à sua doença, não era pessoa para deixar que outros tomassem decisões por ela. Tentei assim que viesse dela própria a sugestão de um nome que pudesse comigo trabalhar na revisão da sua obra. Perante a sua óbvia incapacidade (e, até, indiferença) em se interessar pelo assunto, convidei Gastão Cruz, com quem a minha mãe se dava muito bem. O Gastão disse-me não ter condições de tempo para uma tal empresa, mas, dado que as decisões editoriais eram da minha responsabilidade, sugeriu que trabalhasse com Luis Manuel Gaspar, na altura revisor na *Colóquio/Letras*. E assim começámos a trabalhar juntos. Dado o grande empenho e profissionalismo de Luis Manuel Gaspar, encarreguei-o de fazer as edições de 2003, pondo-o a par das alterações que haviam sido assentes.

Assim, a reedição de *O Cristo Cigano*¹ não acontece à margem da vontade da minha mãe, mas na sequência das conversas que mantive com ela e que acima referi.

MARIA ANDRESEN SOUSA TAVARES

¹ 3.^a ed., 2003, Lisboa, Editorial Caminho; 4.^a ed., 2005, Lisboa, Editorial Caminho.

PREFÁCIO

Rosa Maria Martelo

Publicado em 1961, *O Cristo Cigano* é um livro absolutamente singular no conjunto da poesia de Sophia de Mello Breyner Andresen, ao que não será alheio o facto de ter sido escrito sob o signo do encontro da autora com um poeta que também tinha a paixão da geometria e do concreto e a mesma solidariedade com o sofrimento humano. Sophia escreveu esta sequência de poemas em 1959, a partir de uma história que João Cabral de Melo Neto lhe contou quando se conheceram pessoalmente, em Sevilha. Logo depois da publicação do livro, ela mesma disse numa entrevista:

[...] o pretexto deste poema foi a lenda do Cristo Cachorro que me contou em Sevilha, numa igreja de Triana, o poeta João Cabral de Melo, a quem um cigano a tinha contado. Segundo esta lenda, a imagem chamava-se Cristo Cachorro, porque o modelo do escultor tinha sido um cigano de nome Cachorro que o próprio escultor havia apunhalado.¹

¹ Reporto-me à entrevista concedida por Sophia de Mello Breyner Andresen ao *Jornal de Letras e Artes*, n.º 17, de 24 de Janeiro de 1962, parcialmente reproduzida por Luis Manuel Gaspar na «Nota» à 3.ª ed. de *O Cristo Cigano* (Caminho, 2003). Agradeço a Luis Manuel Gaspar por me ter facultado o rápido acesso ao texto integral desta entrevista, bem como ao artigo que a poeta dedicou a João Cabral de Melo Neto em *Encontro*, n.º 28, Abril de 1960, do qual adiante transcreverei excertos.

Mais tarde, em «Arte Poética IV» (*Dual*, 1972), ao exemplificar três maneiras diferentes de escrever, a poeta irá referir-se ao processo de criação deste livro assinalando a sua especificidade. Uma vez mais, é destacado o papel estruturante da pequena narrativa ouvida em Triana: «havia uma história, um tema, anterior ao poema. Sobre esse tema escrevi vários poemas soltos que depois organizei num só poema longo».

Talvez por ter partido de uma história de transmissão oral, entre a ocorrência e a lenda, *O Cristo Cigano* evoca de maneira muito subtil a tradição ibérica dos romances em verso e das narrativas de casos, bem como a revisitação que deles fez a poesia de Federico García Lorca. No entanto, o motivo mais imediato de um poema não basta para lhe descrever inteiramente a génese. Na mesma entrevista, Sophia começa por afirmar: «A poesia é uma síntese. Num poema estão expressas inumeráveis experiências, mais ou menos transpostas.» E acrescenta que a lenda revelada por João Cabral apenas «forneceu o suporte narrativo do poema»: «o tema interior deste estava já antes comigo. [...] Este tema é o encontro com Cristo. O encontro com a pobreza, a miséria, a solidão, o abandono, o sofrimento, a agonia». Para reforçar a ideia, a poeta recorda que o mesmo tema atravessa tudo quanto escrevera naquela época.

Nos onze poemas que compõem a sequência *O Cristo Cigano*, os títulos marcam sucessivos movimentos de busca que culminam numa revelação. Não gostaria que as minhas palavras pesassem aqui sobre o trajecto de descoberta que o leitor vai agora fazer. Mas não posso deixar de adiantar que Sophia desestabiliza o tempo «completo e denso» do poema inicial, intitulado «O escultor e a tarde», conduzindo-nos

num percurso heurístico no qual vida e morte se interligam indissociavelmente — e através delas, a arte e o sofrimento humano. Há, no início do poema, um aparente equilíbrio, depois decomposto em movimentos que passam pelas grandes dimensões da vida humana, movimentos nos quais o escultor, protagonista do livro, se vai aproximando mais e mais de saber que a arte não pode ignorar o sofrimento. Quando Sophia escreve, no texto final, «Assim termina a lenda / Daquele escultor: / Nem pedra nem planta / Nem jardim nem flor / Foram seu modelo», exprime precisamente essa vinculação da arte à vida em todas as suas faces.

Sem querer antecipar numa proposta hermenêutica os muitos sentidos possíveis deste livro-poema, creio valer a pena reunir alguns elementos que talvez contribuam para leituras mais amplas, mais completas. E começo por recordar que, tendo sido este o sexto livro de poesia publicado por Sophia de Mello Breyner Andresen, ao dar o título de *Livro Sexto* à recolha de poemas que publicou no ano seguinte, a poeta parece ter pretendido alertar-nos para a condição descentrada de *O Cristo Cigano* no contexto da sua obra poética. Aponta neste sentido a leitura de Luis Manuel Gaspar na «Nota» que acompanhava a terceira edição (2003), quando sugere que, decorrendo da origem extrínseca do tema, a invulgar organicidade desta sequência de poemas teria levado a autora a deixar *O Cristo Cigano* fora da seriação dos seus livros de poesia. Talvez tenha sido esse o motivo que levou a que o livro não fosse incluído em *Obra Poética II* (1991), sendo mais tarde retomado, mas autonomamente, nas edições da obra poética em 2003 e 2005. Como é referido na mesma «Nota», nestas edições o

texto teve em conta «as emendas da autora» na segunda edição (1978), voltando a incluir o poema «A palavra faca», que inicialmente detivera uma função preambular. É esta lição que é retomada por Carlos Mendes de Sousa na *Obra Poética* (2010), e também agora.

Em 1960, ou seja, entre a escrita de *O Cristo Cigano* (1959) e a sua publicação, em 1961, Sophia dedicará um artigo muitíssimo elogioso à poesia de João Cabral, provavelmente na sequência da publicação de *Quaderna* (Lisboa, Guimarães Editores, 1960): «uma das poesias mais limpas que conheço», «voluntária e consciente, medida e calculada como uma arquitectura», escrevia. Através desse artigo, podemos confirmar que a poeta conhecia e apreciava o texto de «Uma faca só lâmina: serventia das ideias fixas» (1955): «um poema longo que tem a densidade e a perfeição de um poema curto», diz, passando a transcrever os versos em que o poeta brasileiro define a poesia — «O que em todas as facas / é a melhor qualidade / a agudeza feroz / certa electricidade // mais a violência limpa / que elas têm, tão exactas / o gosto do deserto, / o estilo das facas». Em «A palavra faca», o poema preambular de *O Cristo Cigano*, é bem visível a admiração pela poética de João Cabral, magnificamente celebrada na imagem que transfere para a palavra *faca* as características materiais do objecto assim designado, fazendo-os convergir numa presença única, ao mesmo tempo concreta e abstracta, «Azul e afiada» mas «No gume do poema».

Jorge de Sena viu em *O Cristo Cigano* uma «experimentação profunda», conduzida «em favor de ritmos mais abruptos, e de uma concisão que mais nomeia e define do que evoca» (*Estudos de Literatura Portuguesa III*, 1988). E é certo

que o livro combina a história da imagem do Cristo Cachorro com algumas das lições de poética que Sophia identifica e subscreve com grande empatia na escrita do autor de *A Escola das Facas*. Vale a pena continuar a seguir os comentários da poeta, ainda no mesmo artigo: «A poesia de João Cabral é lúcida e rigorosa. E é uma ascese. Creio que é o seu gosto da ascese e a sua necessidade do concreto que tanto o aproximam da Espanha», observa. Num registo mais lato, diz ainda: «A poesia com o seu rigor, a poesia com a sua exigência, a poesia com a sua aguda e terrível fome de realidade.» Ascese e «fome de realidade» serão temas estruturantes de *O Cristo Cigano*, o que mostra que Sophia reconheceu na história que iria «recontar» a possibilidade de ver mais de perto uma poética na qual havia afinidades com a sua poesia.

Poucos anos depois do encontro com Sophia em Sevilha, João Cabral de Melo Neto integrou no livro *A Educação Pela Pedra* (1966) um «Elogio da usina e de Sofia de Melo Breiner Andresen». Nesse poema, trabalhava as semelhanças entre os modos e tempos de escrever e os de moer a cana na usina do açúcar, distanciando-se de uma poesia apenas «de ida», ou seja, afastando-se de uma escrita apenas de expressão e, portanto, ainda demasiado perto do informe, como perto do informe permanece também a massa de cana depois de passar uma primeira vez nas moendas do engenho de açúcar. O poeta desmerecia do cristal do mascavo «(cego de luz e de corte)», ao qual preferia um cristal obtido «mais acima»: esse que se consegue quando a moenda repassa, ou quando quem escreve re-faz o que sentiu e vai além do expressivismo lírico mais imediato. É então que surge o louvor do engenho poético (da usina) de Sophia:

Sofia vai de ida e de volta (e a usina);
ela desfaz-faz e faz-refaz mais acima,
e usando apenas (sem turbinas, vácuos)
algarves de sol e mar por serpentinas.
Sofia faz-refaz, e subindo ao cristal,
em cristais (os dela, de luz marinha).

A poeta retribuiria este «Elogio» anos mais tarde, no poema «Dedicatória da segunda edição do “Cristo Cigano” a João Cabral de Melo Neto» (*Ilhas*, 1989), que começa com esta estrofe:

João Cabral de Melo Neto
Essa história me contou
Venho agora recontá-la
Tentando representar
Não apenas o contado
E sua grande estranheza
Mas tentando ver melhor
A peculiar disciplina
De rente e justa agudeza
Que a arte deste poeta
Verdadeira mestra ensina

Um dos registos da homenagem está, como se vê, inscrito desde logo na forma do poema. A redondilha maior recorda, por proximidade, o ritmo de João Cabral, a medida que ele mesmo descreveria mais tarde, no poema-dedicatória de *Agrestes* (1985), como «o não-verso de oito sílabas / (em

linha vizinha à prosa) / que raro tem oito sílabas, / pois metrifica à sua volta». Por outro lado, Sophia sublinha, ainda no mesmo poema, a justeza e a disciplina, bem como o domínio do poeta brasileiro sobre o verso: «Não diz senão o que quer / Não se enebria em fluência». São qualidades de rigor, de clareza e contenção, que reconhecemos em Sophia, pelo que não surpreende que *O Cristo Cigano* reflecta essas afinidades. De resto, a poeta usa, em grande parte dos poemas do livro, um verso curto, de redondilha menor, que evidencia esse gosto da disciplina e da parcimónia, comum aos dois poetas.

O Cristo Cigano nasce do encontro cúmplice entre dois poetas do concreto, da disciplina e da «rente e justa agudeza». Mas nenhum deles caberia inteiro neste tipo de descrição, e Sophia será a primeira a reconhecer que a arte, como a vida, não pode excluir o inesperado, o informe. Em «Dedicatória da segunda edição...» a nota mais interessante talvez seja a que surge no fim do poema, quando a autora acrescenta, à exactidão da oficina de João Cabral, um outro traço, menos evidente, e lembra que «Algo às vezes se alucina / Pois há nessa tão exacta / Fidelidade à imanência / Secretas luas ferozes / Quebrando sóis de evidência». E disso, do rasto desse resto que a forma luta para integrar, e que é condição de autenticidade na arte, fala-nos *O Cristo Cigano*.

O CRISTO CIGANO

A PALAVRA FACA

A palavra faca
De uso universal
A tornou tão aguda
O poeta João Cabral
Que agora ela aparece
Azul e afiada
No gume do poema
Atravessando a história
Por João Cabral contada.

I

O ESCULTOR E A TARDE

No meio da tarde
Um homem caminha:
Tudo em suas mãos
Se multiplica e brilha.

O tempo onde ele mora
É completo e denso
Semelhante ao fruto
Interiormente aceso.

No meio da tarde
O escultor caminha:
Por trás de uma porta
Que se abre sozinha
O destino espera.

E depois a porta
Se fecha gemendo
Sobre a Primavera.

II

O DESTINO

O destino eram
Os homens escuros
Que assim lhe disseram:

— Tu esculpirás Seu rosto
de morte e de agonia.

III

BUSCA

Pelos campos fora
Caminhava sempre
Como se buscase
Uma presença ausente.

«Onde estás tu morte?
Não te posso ver:
Neste dia de Maio
Com rosas e trigo
É como se tu não
Vivesses comigo.

A ti me enviaram
És tu meu destino
Mas diante da vida
Eu não te imagino

A ti me enviaram
E sei que me esperas
Mas só oiço a verde
Voz das Primaveras

Onde a tua imagem
Onde o teu retrato
Na manhã tão limpa?

Onde a tua imagem
Onde o teu retrato
Nas tardes serenas
Nos frutos redondos
Nas crianças puras
Nas mulheres criando
Com seus gestos vida?

Onde a tua imagem
Ou o teu retrato
Nas coisas que eu amo?

Onde a tua voz
Ou a tua presença
Na voz deste dia?

Aqui onde habito
Há o sol a pique
O mar descoberto
A noite redonda
O instante infinito.

É verdade que passas
Pela cidade às vezes
Nos caixões de chumbo:

Mas viro o meu rosto
Pois não te compreendo
És um pesadelo
Uma coisa inventada
Que o vento desmente

Com suas mãos frescas
E a luz logo apaga.

Onde a tua imagem
Ou o teu retrato
Nas coisas que eu vejo?

É verdade que passas
Pela cidade às vezes
Com teu vestido roxo
Entre velas e incenso:
Mas eu te renego e o vento te nega
Com suas mãos frescas
E eu não te pertença.
Meu corpo é do sol
Minh'alma é da terra.

Onde está teu rosto
Ou a raiz de ti
Onde procurar-te?

E como te amarei
Tanto que em meus dedos
Tua imagem floresça
E entre as minhas mãos
O teu rosto apareça?»

IV

O ENCONTRO

Redonda era a tarde
Sossegada e lisa
Na margem do rio
Alguém se despia.

Sozinho o cigano
Sozinho na tarde
Na margem do rio

Seu corpo surgia
Brilhante da água
Semelhante à lua
Que se vê de dia

Semelhante à lua
E semelhante ao brilho
De uma faca nua.

Redonda era a tarde.

V

O AMOR

Não há para mim outro amor nem tardes limpas
A minha própria vida a desertei
Só existe o teu rosto geometria
Clara que sem descanso esculpirei.

E noite onde sem fim me afundarei.

VI

A SOLIDÃO

A noite abre os seus ângulos de lua
E em todas as paredes te procuro

A noite ergue as suas esquinas azuis
E em todas as esquinas te procuro

A noite abre as suas praças solitárias
E em todas as solidões eu te procuro

Ao longo do rio a noite acende as suas luzes
Roxas verdes azuis.

Eu te procuro.

VII

TREVAS

O que foi antigamente manhã limpa
Serenó amor das coisas e da vida
É hoje busca desesperada busca
De um corpo cuja face me é oculta.

VIII

CANÇÃO DE MATAR

Do dia nada sei

O teu amor em mim
Está como o gume
De uma faca nua
Ele me atravessa
E atravessa os dias
Ele me divide

Tudo o que em mim vive
Traz dentro uma faca
O teu amor em mim
Que por dentro me corta

Com uma faca limpa
Me libertarei
Do teu sangue que põe
Na minha alma nódoas

O teu amor em mim
De tudo me separa
No gume de uma faca
O meu viver se corta

Do dia nada sei
E a própria noite azul
Me fecha a sua porta

Do dia nada sei
Com uma faca limpa
Me libertarei.

IX

MORTE DO CIGANO

Branças as paredes viram como se mata
Viram o brilho fantástico da faca
A sua luz de relâmpago e a sua rapidez.

X

APARIÇÃO

Devagar devagar um homem morre
Escura no jardim a noite se abre
A noite com miríades de estrelas
Cintilantes límpidas sem mácula

Veloz veloz o sangue foge
Já não ouve cantar o moribundo
Sua interior exaltação antiga
Uma ferida no seu flanco o mata

Somente em sua frente vê paredes
Paredes onde o branco se retrata
Seus olhos devagar ficam de vidro
Uma ferida no seu flanco o mata

Já não tem esplendor nem tem beleza
Já não é semelhante ao sol e à lua
Seu corpo já não lembra uma coluna
É feito de suor o seu vestido
A sua face é dor e morte crua

E devagar devagar o rosto surge
O rosto onde outro rosto se retrata

O rosto desde sempre pressentido
Por aquele que ao viver o mata

Seus traços seu perfil mostra
A morte como um escultor
Os traços e o perfil
Da semelhança interior.

XI

FINAL

Assim termina a lenda
Daquele escultor:
Nem pedra nem planta
Nem jardim nem flor
Foram seu modelo.

Sevilha/Lisboa, 1959

ÍNDICE

A palavra faca	25
I O escultor e a tarde.....	26
II O destino.....	27
III Busca	28
IV O encontro.....	31
V O amor.....	32
VI A solidão.....	33
VII Trevas.....	34
VIII Canção de matar.....	35
IX Morte do cigano	37
X Aparição	38
XI Final	40

Obras de Sophia de Mello Breyner Andresen

POESIA

- POESIA, 1.^a ed., 1944, Coimbra, Edição da Autora; 2.^a ed., 1959, Lisboa, Edições Ática; 3.^a ed., *Poesia I*, 1975, Lisboa, Edições Ática; 4.^a ed., revista, 2003, Lisboa, Editorial Caminho; 5.^a ed., revista, 2005, Lisboa, Editorial Caminho; 6.^a ed., 2007, Lisboa, Editorial Caminho. 1.^a edição na Assírio & Alvim (7.^a ed.), Lisboa, 2013, prefácio de Pedro Eiras.
- DIA DO MAR, 1.^a ed., 1947, Lisboa, Edições Ática; 2.^a ed., 1961, Lisboa, Edições Ática; 3.^a ed., 1974, Lisboa, Edições Ática; 4.^a ed., revista, 2003, Lisboa, Editorial Caminho; 5.^a ed., revista, 2005, Lisboa, Editorial Caminho; 6.^a ed., 2010, Alfragide, Editorial Caminho. 1.^a edição na Assírio & Alvim (7.^a ed.), Lisboa, 2014, prefácio de Gastão Cruz.
- CORAL, 1.^a ed., 1950, Porto, Livraria Simões Lopes; 2.^a ed., s/d [c. 1979], Lisboa, Portugália Editora; 3.^a ed., s/d [c. 1980], Lisboa, Portugália Editora, ilustrações de José Escada; 4.^a ed., revista, 2003, Lisboa, Editorial Caminho; 5.^a ed., revista, 2005, Lisboa, Editorial Caminho. 1.^a edição na Assírio & Alvim (6.^a ed.), Lisboa, 2013, prefácio de Manuel Gusmão.
- NO TEMPO DIVIDIDO, 1.^a ed., 1954, Lisboa, Guimarães Editores; 2.^a ed., 1985, in *No Tempo Dividido e Mar Novo*, Lisboa, Edições Salamandra, ilustração de Arpad Szenes; 3.^a ed., revista, 2003, Lisboa, Editorial Caminho; 4.^a ed., revista, 2005, Lisboa, Editorial Caminho. 1.^a edição na Assírio & Alvim (5.^a ed.), Lisboa 2013, prefácio de Federico Bertolazzi.
- MAR NOVO, 1.^a ed., 1958, Lisboa, Guimarães Editores; 2.^a ed., 1985, in *No Tempo Dividido e Mar Novo*, Lisboa, Edições Salamandra, ilustração de Arpad Szenes; 3.^a ed., revista, 2003, Lisboa, Editorial Caminho; 4.^a ed., revista, 2005, Lisboa, Editorial Caminho. 1.^a edição na Assírio & Alvim (5.^a ed.), Lisboa 2013, prefácio de Fernando J.B. Martinho.

O CRISTO CIGANO, 1.^a ed., *O Cristo Cigano ou A Lenda do Cristo Cachorro*, 1961, Lisboa, Minotauro, ilustrações de Júlio Pomar; 2.^a ed., 1978, Lisboa, Moraes Editores, ilustração de José Escada; 3.^a ed., revista, 2003, Lisboa, Editorial Caminho; 4.^a ed., revista, 2005, Lisboa, Editorial Caminho. 1.^a edição na Assírio & Alvim (5.^a ed.), Lisboa, 2014, prefácio de Rosa Maria Martelo.

LIVRO SEXTO, 1.^a ed., 1962, Lisboa, Livraria Moraes Editora; 2.^a ed., 1964, Lisboa, Livraria Moraes Editora; 3.^a ed., 1966, Lisboa, Livraria Moraes Editora; 4.^a ed., 1972, Lisboa, Livraria Moraes Editora; 5.^a ed., 1976, Lisboa, Moraes Editores; 6.^a ed., 1985, Lisboa, Edições Salamandra; 7.^a ed., revista, 2003, Lisboa, Editorial Caminho; 8.^a ed., revista, 2006, Lisboa, Editorial Caminho.

GEOGRAFIA, 1.^a ed., 1967, Lisboa, Edições Ática; 2.^a ed., 1972, Lisboa, Edições Ática; 3.^a ed., 1990, Lisboa, Edições Salamandra, ilustração de Xavier Sousa Tavares; 4.^a ed., revista, 2004, Lisboa, Editorial Caminho.

ANTOLOGIA, 1.^a ed., 1968, Lisboa, Portugália Editora; 2.^a ed., 1970, Lisboa, Moraes Editores; 3.^a ed., 1975, Lisboa, Moraes Editores; 4.^a ed., 1978, Lisboa, Moraes Editores, prefácio de Eduardo Lourenço; 5.^a ed., 1985, Porto, Figueirinhas.

GRADES [Antologia de Poemas de Resistência], 1970, Lisboa, Publicações Dom Quixote.

11 POEMAS, 1971, Lisboa, Movimento.

«POEMAS DE UM LIVRO DESTRUÍDO», 1972, in *Fevereiro — Textos de Poesia*, Lisboa. (Incluído em *No Tempo Dividido*, a partir da 2.^a ed.).

DUAL, 1.^a ed., 1972, Lisboa, Moraes Editores; 2.^a ed., 1977, Lisboa, Moraes Editores; 3.^a ed., 1986, Lisboa, Edições Salamandra; 4.^a ed., revista, 2004, Lisboa, Editorial Caminho.

O NOME DAS COISAS, 1.^a ed., 1977, Lisboa, Moraes Editores; 2.^a ed., 1986, Lisboa, Edições Salamandra; 3.^a ed., revista, 2004, Lisboa, Editorial Caminho; 4.^a ed., revista, 2006, Lisboa, Editorial Caminho.

POEMAS ESCOLHIDOS, 1981, Lisboa, Círculo de Leitores.

NAVEGAÇÕES, 1.^a ed., 1983, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda; 2.^a ed., 1996, Lisboa, Editorial Caminho; 3.^a ed., 1996, Lisboa, Editorial Caminho; 4.^a ed., revista, 2004, Lisboa, Editorial Caminho.

O SOL O MURO O MAR, 1984, Lisboa. Portfolio com seis fotografias de Eduardo Gageiro. (Incluído em *Ilhas*.)

ILHAS, 1.^a ed., 1989, Lisboa, Texto Editora, ilustração de Xavier Sousa Tavares; 2.^a ed., 1990, Lisboa, Texto Editora; 3.^a ed., 1992, Lisboa, Texto Editora; 4.^a ed., 2001, Lisboa, Texto Editora; 5.^a ed., revista, 2004, Lisboa, Editorial Caminho.

OBRA POÉTICA I, 1.^a ed., 1990, Lisboa, Editorial Caminho; 2.^a ed., 1991, Lisboa, Editorial Caminho; 3.^a ed., 1995, Lisboa, Editorial Caminho; 4.^a ed., 1998, Lisboa, Editorial Caminho; 5.^a ed., 1999, Lisboa, Editorial Caminho; 6.^a ed., 2001, Lisboa, Editorial Caminho.

OBRA POÉTICA II, 1.^a ed., 1991, Lisboa, Editorial Caminho; 2.^a ed., 1995, Lisboa, Editorial Caminho; 3.^a ed., 1998, Lisboa, Editorial Caminho; 4.^a ed., 1999, Lisboa, Editorial Caminho.

OBRA POÉTICA III, 1.^a ed., 1991, Lisboa, Editorial Caminho; 2.^a ed., 1996, Lisboa, Editorial Caminho; 3.^a ed., 1999, Lisboa, Editorial Caminho; 4.^a ed., 2001, Lisboa, Editorial Caminho.

SINGRADURAS, 1991, Lisboa, Galeria 111, com seis gravuras de David de Almeida. (Poema VI de «As Ilhas», incluído em *Navegações*.)

OBRA POÉTICA I e OBRA POÉTICA II, 1992, Lisboa, Círculo de Leitores.

MUSA, 1.^a ed., 1994, Lisboa, Editorial Caminho; 2.^a ed., 1995, Lisboa, Editorial Caminho; 3.^a ed., 1997, Lisboa, Editorial Caminho; 4.^a ed., 2001, Lisboa, Editorial Caminho; 5.^a ed., revista, 2004, Lisboa, Editorial Caminho.

SIGNO (ESCOLHA DE POEMAS), 1.^a ed., 1994, Lisboa, Editorial Presença/Casa Fernando Pessoa (inclui um CD com poemas ditos por Luís Miguel Cintra).

ILHAS — POEMAS ESCOLHIDOS/ISLANDS — SELECTED POEMS, 1995, Lisboa, Texto Editora/Expo'98, versão inglesa de Richard Zenith, fotografias de Daniel Blaufuks.

O BÚZIO DE CÓS E OUTROS POEMAS, 1.^a ed., 1997, Lisboa, Editorial Caminho; 2.^a ed., 1998, Lisboa, Editorial Caminho; 3.^a ed., 1999, Lisboa, Editorial Caminho; 4.^a ed., 2002, Lisboa, Editorial Caminho; 5.^a ed., revista, 2004, Lisboa, Editorial Caminho.

MAR [Antologia organizada por Maria Andresen de Sousa Tavares], 1.^a ed., 2001, Lisboa, Editorial Caminho; 2.^a ed., 2001, Lisboa, Editorial Caminho; 3.^a ed., 2001, Lisboa, Editorial Caminho; 4.^a ed., 2002, Lisboa, Editorial Caminho; 5.^a ed., revista e aumentada, 2004, Lisboa, Editorial Caminho; 6.^a ed., 2006, Lisboa, Editorial Caminho; 7.^a ed., 2009, Alfragide, Editorial Caminho.

ORPHEU E EURYDICE, 2001, Lisboa, Galeria 111, ilustrações de Graça Morais.

CEM POEMAS DE SOPHIA, 1.^a ed., 2004, Lisboa, *VisãoJL — Jornal de Letras, Artes e Ideias*, selecção e introdução de José Carlos de Vasconcelos.

OBRA POÉTICA (edição de Carlos Mendes de Sousa), 1.^a ed., 2010, Alfragide, Editorial Caminho; 2.^a ed., 2011, Alfragide, Editorial Caminho.

OS POEMAS SOBRE PESSOA [Antologia organizada por Maria Andresen de Sousa Tavares], 1.^a ed., 2012, Alfragide, Editorial Caminho.

PROSA

CONTOS EXEMPLARES, 1.^a ed., 1962, Lisboa, Livraria Moraes Editora; 2.^a ed., 1966, Lisboa, Portugalíia Editora; 3.^a ed., 1970, Lisboa, Portugalíia Editora, prefácio de D. António Ferreira Gomes; 13.^a ed., 1983, Porto, Figueirinhas; 37.^a ed., 2010, Porto, Figueirinhas. 1.^a edição na Porto Editora, Porto, 2013, ilustrações de João Catarino. 1.^a edição na Assírio & Alvim (39.^a ed.), Lisboa, 2014, prefácio de Frederico Bertolazzi.

OS TRÊS REIS DO ORIENTE, 1.^a ed., 1965, Lisboa, Estúdios Cor, ilustrações de Manuel Lapa; 2.^a ed., s/d [1980], Lisboa, Galeria S. Mamede/Portugalíia Editora, ilustrações de Francisco Relógio; 3.^a ed., s/d [2004], Porto, Figueirinhas, ilustrações de Fedra Santos. (Incluído em *Contos Exemplares*, a partir da 3.^a ed.). 1.^a edição na Porto Editora, Porto, 2013, ilustrações de Fátima Afonso.

A CASA DO MAR, Lisboa, Galeria S. Mamede, 1979, ilustrações de Maria Helena Vieira da Silva. (Incluído em *Histórias da Terra e do Mar*.)

HISTÓRIAS DA TERRA E DO MAR, 1.^a ed., 1984, Lisboa, Edições Salamandra; 2.^a ed., 1984, Lisboa, Edições Salamandra; 3.^a ed., 1989, Lisboa, Texto Editora; 21.^a ed., 2002, Lisboa, Texto Editora. 1.^a edição na Porto Editora, Porto, 2013, ilustrações de Jorge Nesbitt. 1.^a edição na Assírio & Alvim (23.^a ed.), Lisboa, 2013, prefácio de Gustavo Rubim.

«O CARRASCO», *As Escadas não Têm Degraus*, n.º 5, 1991, Lisboa, Edições Cotovia.

ERA UMA VEZ UMA PRAIA ATLÂNTICA, 1997, Lisboa, Expo'98.

«LEITURA NO COMBOIO» e «O CEGO», *Colóquio/Letras*, n.º 159-160, Janeiro-Junho de 2002, ilustrações de Tiago Manuel.

O ANJO DE TIMOR, 2003, Marco de Canaveses, Cenateca, Associação Teatro e Cultura, ilustrações de Graça Moraes.

QUATRO CONTOS DISPERSOS, Porto, Figueirinhas, 2008, ilustração de Diogo Vaz. 1.^a edição na Porto Editora, Porto, 2012, ilustrações de João Caetano.

CONTOS PARA CRIANÇAS

A MENINA DO MAR, 1.^a ed., 1958, Lisboa, Edições Ática, ilustrações de Sarah Affonso; 2.^a ed., 1961, Lisboa, Editorial Aster, ilustrações de Fernando de Azevedo; 3.^a ed., 1972, Porto, Figueirinhas, ilustrações de Armando Alves; 7.^a ed., 1977, Porto, Figueirinhas, ilustrações de Luís Noronha da Costa; 41.^a ed., 2002, Porto, Figueirinhas. 1.^a edição na Porto Editora, Porto, 2012, ilustrações de Fernanda Fragateiro.

A FADA ORIANA, 1.^a ed., 1958, Lisboa, Edições Ática, ilustrações de Bió, capa de Quito sobre quadro de Nuno Siqueira; 2.^a ed., 1964, Lisboa, Edições Ática; 3.^a ed., s/d [c. 1972], Lisboa, Edições Ática, ilustrações de Luís Noronha da Costa; 7.^a ed., 1982, Porto, Figueirinhas, ilustrações de Natividade Corrêa; 34.^a ed., 2002, Porto, Figueirinhas. 1.^a edição na Porto Editora, Porto, 2012, ilustrações de Teresa Calem.

A NOITE DE NATAL, 1.^a ed., 1959, Lisboa, Edições Ática, ilustrações de Maria Keil; 2.^a ed., s/d [1972], Lisboa, Edições Ática, ilustrações de José Escada; 3.^a ed., 1983, Lisboa, Edições «O Jornal», ilustrações de José Escada; 4.^a ed., 1989, Porto, Figueirinhas, ilustrações de Júlio Resende.

O CAVALEIRO DA DINAMARCA, 1.^a ed., 1964, Porto, Figueirinhas, ilustrações de Armando Alves; 56.^a ed., 2001, Porto, Figueirinhas.

O RAPAZ DE BRONZE, 1.^a ed., 1965, Lisboa, Minotauro, ilustrações de Fernando de Azevedo; 2.^a ed., 1972, Lisboa, Moraes Editores; edição e oferta da Comissão Organizadora das Comemorações do Dia de Portugal e Camões e das Comunidades Portuguesas, 1977 (Moraes Editores), ilustrações da colecção particular da Autora; 5.^a ed., 1978, Lisboa, Moraes Editores, ilustrações de Natividade Corrêa; 6.^a ed., 1979, Lisboa, Moraes Editores; 7.^a ed., 1983, Lisboa, Moraes Editores, ilustração da capa de Vitorino Martins; 9.^a ed., 1990, Lisboa, Edições Salamandra, ilustrações de Júlio Resende; 19.^a ed., 1994, Lisboa, Edições Salamandra. 1.^a edição na Porto Editora, Porto, 2013, ilustrações de Inês do Carmo.

A FLORESTA, 1.^a ed., 1968, Porto, Figueirinhas, ilustrações de Armando Alves; 23.^a ed., 1995, Porto, Figueirinhas, ilustrações de Teresa Olazabal Cabral; 35.^a ed., Porto, Figueirinhas. 1.^a edição na Porto Editora, Porto, 2013, ilustrações de Sofia Arez.

A ÁRVORE, 1.^a ed., 1985, Porto, Figueirinhas; 13.^a ed., 2002, Porto, Figueirinhas. 1.^a edição na Porto Editora, Porto, 2013, ilustrações de Teresa Lima.

«A CEBOLA DA VELHA AVARENTA», in *A Antologia Diferente — De Que São Feitos os Sonhos*, organização de Luísa Ducla Soares, 1986, Porto, Areal Editores, ilustração de Vítor Simões.

Os CIGANOS [edição especial], Sophia de Mello Breyner Andresen, Pedro Sousa Tavares, 1.^a edição, 2012, Porto, Porto Editora, ilustrações de Danuta Wojciechowska.

Os CIGANOS, Sophia de Mello Breyner Andresen, Pedro Sousa Tavares, 1.^a edição, 2012, Porto, Porto Editora, ilustrações de Danuta Wojciechowska.

ANTOLOGIAS ORGANIZADAS PELA AUTORA

POESIA SEMPRE I (em colaboração com Alberto de Lacerda), s/d [1964], Lisboa, Livraria Sampedro Editora.

POESIA SEMPRE II, s/d [1964], Lisboa, Livraria Sampedro Editora.

PRIMEIRO LIVRO DE POESIA, 1.^a ed., 1991, Lisboa, Editorial Caminho, ilustrações de Júlio Resende; 11.^a ed., 2008, Lisboa, Editorial Caminho.

TEATRO

O BOJADOR, 1.^a ed., s/d [1961], Lisboa, separata da *Escola Portuguesa*, Direcção-Geral do Ensino Primário; 2.^a ed., 2000, Lisboa, Editorial Caminho, ilustrações de Henrique Cayatte; 3.^a ed., 2006, Lisboa, Editorial Caminho; 4.^a ed., 2007, Lisboa, Editorial Caminho; 5.^a ed., 2009, Lisboa, Editorial Caminho.

O COLAR, 1.^a ed., 2001, Lisboa, Editorial Caminho; 2.^a ed., revista, 2002, Lisboa, Editorial Caminho; 3.^a ed., 2005, Lisboa, Editorial Caminho; 4.^a ed., 2006, Lisboa, Editorial Caminho; 5.^a ed., 2008, Lisboa, Editorial Caminho; 6.^a ed., 2009, Lisboa, Editorial Caminho; 1.^a edição na Porto Editora, Porto, 2012, ilustrações de Daniel Silvestre da Silva; 2.^a edição, 2013, Porto, Porto Editora, ilustrações de João Catarino. 1.^a edição na Assírio & Alvim (9.^a ed.), Lisboa, 2013, prefácio de Luis Miguel Cintra.

ENSAIO (selecção)

«A POESIA DE CECÍLIA MEIRELES», *Cidade Nova — Revista de Cultura*, IV Série, n.º 6, 1956.

«POESIA E REALIDADE», *Colóquio — Revista de Artes e Letras*, n.º 8, 1960.

«CAMINHOS DA DIVINA COMÉDIA», *Diário de Lisboa*, 13 de Maio e 1 de Julho de 1965; republicado em *Ler — Livros & Leitores*, n.º 58, Primavera de 2003, ilustrações de Tiago Manuel.

O NU NA ANTIGUIDADE CLÁSSICA, 1.^a ed., 1975, in *O Nu e a Arte*, Lisboa, Estúdios Cor; 2.^a ed., s/d [c. 1979], Lisboa, Portugalíia Editora; 3.^a ed., 1992, Lisboa, Editorial Caminho.

TRADUÇÕES

A VIDA QUOTIDIANA NO TEMPO DE HOMERO (Émile Mireaux), 1.^a ed., s/d [c. 1957], Lisboa, Livros do Brasil; 3.^a ed., s/d [1979], Lisboa, Livros do Brasil.

A ANUNCIAÇÃO A MARIA (Paul Claudel), s/d [1960], Lisboa, Editorial Aster.

O PURGATÓRIO (Dante), 1.^a ed., 1962, Lisboa, Minotauro; 2.^a ed., 1981, Lisboa, Círculo de Leitores.

MUITO BARULHO POR NADA (William Shakespeare), 1964 (inédito).

HAMLET (William Shakespeare) [1965]; 1.^a ed., 1987, Porto, Lello & Irmão Editores.

QUATRE POÊTES PORTUGAIS — CAMÕES, CESÁRIO VERDE, MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO, FERNANDO PESSOA, 1.^a ed., 1970, Paris, Presses Universitaires de France e Fundação Calouste Gulbenkian — Centre Culturel Portugais; 2.^a ed., 1979, Paris, Presses Universitaires de France e Fundação Calouste Gulbenkian — Centre Culturel Portugais.

SER FELIZ (Leif Kristiansson), 1.^a ed., 1973, Lisboa, Editorial Presença; 6.^a ed., 1997, Lisboa, Editorial Presença.

UM AMIGO (Leif Kristiansson), 1.^a ed., 1973, Lisboa, Editorial Presença; 11.^a ed., 2001, Lisboa, Editorial Presença.

MEDEIA (Eurípides), 1.^a ed., 2006, Lisboa, Editorial Caminho.

OBRAS DE SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN
NA ASSÍRIO & ALVIM

POESIA

- Poesia*, prefácio de Pedro Eiras
Coral, prefácio de Manuel Gusmão
No Tempo Dividido, prefácio de Federico Bertolazzi
Mar Novo, prefácio de J.B. Martinho
Dia do Mar, prefácio de Gastão Cruz
O Cristo Cigano, prefácio de Rosa Maria Martelo

PROSA

- O Colar*, prefácio de Luis Miguel Cintra
Histórias da Terra e do Mar, prefácio de Gustavo Rubim
Contos Exemplares, prefácio de Federico Bertolazzi